

A ILLUSTRACÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno 45000 réis.

Numero pago á entrega. . . \$090

N.º 44 — VOL. III.

Sabbado 5 de Novembro de 1859.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno . . . 45300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . 55000

Summario.

ARTIGOS: — Historia da actualidade — Salvador Corrêa de Sá e Benavides — Observatorio de Berlin — Reinado de D. Afonso VI, continuação — Palacio dos duques de Ferrara — Hamburgo — Fragmento, conclusão — O amor e o dever, continuação — Sonetos — Ao soldado — Saudade.
GRAVURAS: — Observatorio de Berlin — Hamburgo — Palacio dos duques de Ferrara.

Historia da actualidade.

No dia 4 do corrente teve logar a abertura das côrtes geraes da nação portugueza, com as solemnidades do estylo. El-rei leu profundamente commovido o primeiro periodo do respectivo discurso, que se reportava ao fallecimento de sua magestade a rainha a senhora D. Estephania, e ás provas de affecto que n'essa occasião receberam do paiz.

O senhor D. Pedro V cede da sua dotação no anno economico de 1860-1861 a quantia de noventa e um contos duzentos e cincoenta mil réis; devendo entrar sessenta e um contos duzentos e cincoenta mil réis na receita geral do thesouro, e applicarem-se os trinta contos restantes á fundação de um hospital destinado unicamente para o tratamento de creanças pobres.

Sua magestade o senhor D. Fernando cede igualmente como donativo espontaneo para o thesouro, a quantia de trinta contos de réis, respectivos tambem á sua dotação de 1860-1861.

O governo promove com empenho, que o primeiro objecto de que se occupe a camara dos pares seja a lei eleitoral, e attribuem os politicos este empenho ao desejo de dissolver a camara electiva, por não contar n'ella maioria.

O celebre prestigiador mr. Herrmann está na cidade do Porto, sendo ahi tão applaudido qual o foi n'esta capital. Por esta mesma occasião trabalha ali outro prestigiador mr. Banano, do qual tambem se referem maravilhas, e que em pouco é esperado em Lisboa.

No anno de 1857 foram condemnadas no imperio russo mil oitocentas setenta e sete pessoas a trabalhos forçados; tres mil quatrocentas e sessenta a exilio para colonisação na Siberia, e duzentas e dezeseis á mesma pena nas provincias caucasianas.

Em 1641 tinha a Inglaterra quarenta e dois navios, medindo vinte e duas mil quatrocentas e onze toneladas; hoje todos estes navios podem ser substituidos pelo *Great-Eastern*, que só elle mede vinte duas mil e quinhentas toneladas.

O governo hespanhol continua fretando to-

dos os navios e vapores que encontra disponiveis. — Falla-se em que as assembleas da Italia central tratam de conferir a regencia dos ditos estados ao principe de Carignan.

— Esperam-se na Turquia grandes reformas na administração publica, e diz-se que estas começam pelo sultão, que sacrificará um terço dos seus rendimentos.

— Até agora não tem havido execução capital de algum dos individuos implicados na conspiração ali descoberta, e suppõe-se que não as haverá, porque o novo grã-visir aceitou o poder com essa condição.

— São tão favoraveis as sympathias da população musulmana aos referidos presos, que nos locais por onde o sultão passou n'esta ultima viagem que fez, havia cartazes dizendo que grandes desgraças succederiam se caísse um unico cabelo dos conspiradores.

— Em Bucharest tem havido graves desordens porque tanto o partido do principe Ghika, como os democratras querem um principe estrangeiro. Uma manifestação foi dispersada a tiros, e muitos dos chefes presos, e conduzidos ás fronteiras.

— Prepara-se em França a nova expedição que se deve dirigir á China.

— Dizem algumas gazetas inglezas que a Inglaterra se dispõe finalmente a fazer parte do congresso que se hade reunir para tratar a questão italiana.

— Espera-se que os tratados de Zurich sejam assignados no dia 7 de Novembro.

— Os hespanhoes e francezes foram atacados por grandes forças na Cochinchina, as quaes contudo elles repelliram causando grande estrago ao inimigo.

— A depntação provincial de Guadalajára votou a quantia de quarenta mil reales para remunerar os seis primeiros soldados d'essa provincia que por causa da guerra contra Marrocos fiquem impossibilitados de continuar no serviço.

— Na Romania proclamou-se o estatuto sardo.

— O *Monitor* jornal official de Paris publicou a circular annunciando a convocação de um congresso.

— Os inglezes acabam de se apossar na India do forte e ilha de Beite.

— Diz-se que a Austria annuiu nas conferencias de Zurich a receber por indemnisação cento e dois milhões, em logar dos cento e quatro que reclamava.

— O principe regente da Prussia offereceu a quantia de trinta e sete mil e quinhentos para a

subscrição que se promove afim de erigir uma estatua de Schiller.

— Os inglezes aprisionaram outro chefe da revolução indica, mas diz-se que este, por uma graça especial, não será decapitado. E' um dos filhos do ex-rei de Delhi.

— No mez de Novembro deve o engenheiro D. Eusebio Page tomar posse em nome do senhor D. José Salamanca da exploração do nosso caminho de ferro de leste.

— O senhor D. José d'Almada escreveu uma comedia intitulada *A moral e o theatro*, e acaba de a dedicar á celebre tragica mad. Ristori, que lhe agradeceu a offerta em termos mui delicados.

— Durante o mez de outubro, segundo se lê na *Gazeta medica de Lisboa*, não houve molestias que predominassem notavelmente. Ainda continuaram a apparecer casos de bexigas.

— Foram apresentados ao senhor ministro das obras publicas os estatutos para a empresa do caminho de ferro de Cintra, cujo contracto se acaba de passar entre o senhor conde de Claranges Lucotte e a casa Cyrin Vander Elst & C.ª, da Belgica.

Salvador Correa de Sá e Benavides.

Conclusão.

Deixou o Rio de Janeiro aos 12 de Maio de 1648, e em conformidade com o seu regimento dirigiu-se ao porto de Quicombe. Aqui saltou em terra, e depois de examinar o logar em que lhe fora ordenado que fizesse uma feitoria, convocou todos os officiaes em conselho, e lhes expoz como recebera sim instrucções de não quebrar a paz com os hollandezes; porém que vendo não existir já esta de facto (pois que os portuguezes residentes n'aquelle territorio viviam debaixo de oppressão e vexames) julgava encontrar no mesmo regimento sufficiente pretexto para o rompimento de guerra. Tal parecer foi approvado por todos, e decidiu-se que se comesassem as hostilidades pelo ataque da capital. Embarcou-se de novo toda a gente, e a frota foi demandar a Barra de Angola. O general enviou á chegada um parlamentario intimando aos hollandezes que se entregassem. Estes pediram oito dias para dar a resposta, talvez com intenções de aproveitarem esse tempo em preparativos. Salvador Corrêa o previu, concedendo só quarenta e oito horas; passadas as quaes, como o inimigo se resolvesse a resistir, fez a um tempo

saltar em terra toda a infantaria. Effectuou-se o desembarque sem resistencia, e as tropas marcharam para a cidade com o general á frente. Essa primeira noite foi aproveitada para levantar duas baterias contra o inimigo. Começou-se por bater em brecha a fortaleza de S. Miguel, em que os holandezes eram recolhidos, e quando o general julgou opportuno mandou dar o assalto. Os atacantes houveram-se com inexplicavel audacia e valentia; ficaram d'estes sessenta e tres mortos, afórta muitos feridos. Porém tambem a resistencia foi vigorosa, e os aggressores retiraram. Todavia os sitiados, havendo presenciado o valor do general, imaginaram que o fim unico de tal retirada era dar folego á tropa para emprender novo assalto. Por isso vendo a fortaleza já arruinada, e receando-se de não poderem resistir a segunda investida, propozeram condições de capitulação. Por todas esteve Salvador Corrêa, que bem conhecera a desproporção de forças; e abertas as portas da praça saíram d'ella mil e cem soldados, entre holandezes, alemães e francezes, com quasi outros tantos negros, todos avexados de ver o pequeno numero a que se tinham rendido. Fez-se esta capitulação, tão memoravel nos annos angolenses como honrosa a Salvador Corrêa, aos 15 de Agosto de 1648.

D'ahi a sessenta dias era toda a costa d'Angola evacuada de holandezes. O governador passou a accommetter o rei do Congo e a fazer correria ás terras de mais quatorze sovas, os quaes tinham sido inimigos dos portuguezes. A rainha Ginga só a poder de reiteradas e humildes supplicas conseguiu o perdão. Tendo Salvador Corrêa governado Angola por tres annos voltou ao Rio de Janeiro; e em remuneração dos seus serviços lhe deu el-rei dois africanos por tenentes das suas armas.

Tornando a Lisboa, pouco tempo esteve em socego. A carta patente de 17 de Setembro de 1638 lhe confiou de novo o governo da repartição do sul do Brazil, de todo independente do da Bahia, o que foi ordenado por clausula expressa pela rainha D. Luiza, regente durante a menoridade de seu filho D. Affonso VI. Na mesma carta declarou a rainha fazer tal graça pela particular satisfação e zelo com que o agraciado servira tantos annos, em cargos e postos de muita confiança, assim na paz como na guerra, etc. Partiu Salvador Corrêa para o novo principado do Brazil em 1639, e passando pela Bahia, ali levantou em Francisco Barreto a homenagem, que d'antiga usança se prestava ao vice-rei do estado. E sem mais delongas proseguiu para o Rio de Janeiro aonde chegou em fins de Setembro.

Depois de muitos e importantissimos serviços, voltou de novo a Lisboa, e chegou ali, quando já sustinha as rideas do governo o malaventurado Affonso VI, soffreu opposição dos fidalgos, que succumbiram aos enredos dos emulos e adversarios do dito Salvador Corrêa. Em 1666 foi dado por influencia do conde de Castelmello, o titulo de visconde da Ponte da Asseca ao seu primogenito pelos serviços proprios e de seu pae, sem se gratificarem primeiro estes na pessoa do autor, a quem foi lançada em rosto a revolta do Rio de Janeiro!

Consta que antes da sua deposição o infeliz monarcha mandou chamar a Salvador Corrêa para o ouvir e consultar acerca do que deveria fazer. Os seus conselhos, apesar da idade já avançada, longe de indicarem frouxidão só recommendavam medidas energicas, que se offerencia a executar. Esta offerta e a privança que tivera seu filho na corte do rei deposto promoveram-lhe insultos sendo por fim preso e processado. Uma sentença chegou a premiar os seus antigos serviços com dez annos de degredo para as plagas ou sertões africanos que outr'ora libertara do jugo estrangeiro! Só á custa de enormes despesas conseguiu por fim ficar recolhido em um convento, meio decidido já a acabar ali seus dias, como tambem praticara em tempos antigos o grande condestavel. Porém a rogos de seu filho, gravemente enfermo d'uma ferida que recebera em Badajoz, se resolveu a requerer moradia com homenagem no seu palacio (de Santos o Velho), a qual lhe foi concedida. Porém succedendo pouco depois a morte do mesmo seu filho, sensibilizou-se o principe regente (depois D. Pedro II) com o estado de orphandade a que ficaram reduzidos

os seus netos, e por tal forma que não só concedea de todo a liberdade a Salvador Corrêa sem tratar de seus herdeiros, tão cedo orphãos de pae, como até o despachou para ter novamente assento nos conselhos de guerra e ultramar, de que fôra membro.

A alma grande e genio elevado de Salvador Corrêa não se apoucara com a passada ingratição a seus serviços. Atribuuiu tudo ás circunstancias meindrosas do paiz, dividido em partidos; e logo que serenou a tormenta e entrou na graça do principe regente se offereceu para prestar serviços militares em territorio ultramarino, analogos áquelle em que ganhara a sua maior reputação. Constando que na costa oriental d'Africa se levantara contra os portuguezes o regulo de Pata, offereceu-se para o ir sujeitar, e empreendeu seguidamente o levar a effeito a, inda hoje decantada, communicação por terra d'essa banda oriental com a contra-costa d'aquem no reino d'Angola. Diz-se que advertido pelos amigos de fazer taes ofertas em tão avançada idade respondeu: «Que desejaria muito ter a consolação de ouvir tiros á hora da morte.»

Finalmente depois de viver uma vida activa, vigorosa e longa, sem as fraquezas da caducidade, finou-se em Lisboa no dia 1 de Janeiro de 1688, aos noventa e quatro annos de idade, e foi sepultado na sacristia do convento de Nossa Senhora dos Remedios dos carmelitas descalços, a Santos o Velho.

Foi primeiro alcaide-mór do Rio de Janeiro, fidalgo da casa real, commendador de S. Salvador da Alagoa e de S. João de Cassia na ordem de Christo.

Observatorio de Berlin.

Entre os annos de 1700 a 1711 tinha-se construido em Berlin um observatorio; mas este edificio, destinado unicamente a offerrecer aos membros da academia das sciencias a possibilidade de seguirem os principaes phenomenos astronomicos mais exactamente de que o faziam em suas casas, de nenhum modo se prestava ás exigencias da astronomia moderna; e por isso desejava-se vivamente em Berlin, que o estado fizesse os necessarios sacrificios para a construcção de novo e mais util estabelecimento d'este genero. Entretanto como a Prussia possuia já um observatorio de primeira ordem em Koenigsberg, não teria de certo ainda chegado o tempo necessario para que Berlin obtivesse um local conveniente ás observações astronomicas, sem uma circumstancia fortuita pela qual se conheceu toda a influencia que um homem superior pode exercer sobre o seu seculo quando se dirige ás massas, e sabe aproveitar-lhe a natural curiosidade em relação aos grandes mysterios do mundo physico. Não podemos deixar de citar aqui as palavras de um juiz competente em semelhante materia — o sabio mr. Encke, director do novo observatorio. «Mr. Alexandre de Humboldt, diz elle, depois da ausencia de muitos annos, assignalou, em 1828, a sua volta á cidade natal de maneira tão brilhante como rica em successos, por uma serie de lições sobre as relações physicas da terra considerada da maneira mais geral; provou n'essa occasião grande abundancia e profundidade de conhecimentos que não se encontravam talvez reunidos senão n'elle, e desinvolveu elegancia de dicção bem rara então nos cursos publicos em Alemanha.» O enthusiasmo produzido por estas lições foi geral; e como o illustre viajante mostrava particular predileção pela astronomia, que lhe tinha servido de grande auxilio em todas as suas descobertas geographicas, o gosto d'esta sublime sciencia espalhou-se depressa entre os seus ouvintes. Os amadores fizeram sacrificios para a compra de instrumentos. Foi do observatorio particular de um rico banqueiro, mr. Beer (irmão do celebre compositor Meyer Beer) que saiu, sob os nomes de Mrs. Beer e Muedler, a mais bella carta da lua que tem apparecido. Emfim, o desejo de possuir instrumentos de consideravel força amplificativa e meios exactos de observação tornou-se tão vivo e geral, que mr. d'Humboldt pôde obter do governo a compra de um grande ocular de Frauenhoff (pelo preço de trinta mil francos), e de um grande circulo

meridiano, e emfim a construcção de um novo observatorio, cujo desenho a nossa estampa representa.

Este edificio, construido pelo desenho de mr. Schinkel, renne elegancia á simplicidade das formas. O plano apresenta a apparencia de uma cruz latina, mas tendo cinco faces. Quasi ao centro ergue-se uma torre cylindrica sobrepajada por uma cupula gyriante de ferro forjado. A força d'uma creanga applicada a um systema d'entendação muito simples basta para fazer mover a cupula, de maneira que o observador pode dirigir a vista para as diferentes partes do ceo. No centro da cupula está collocado o ocular, sobre um enorme pedestal prismatico de alvenaria que se eleva desde os alicerces até ao terceiro andar, e que é separado pelo intervallo de tres metros de todas as paredes do recinto. Para tão delicadas observações, e de tamanha importancia haveria uma base inabalavel, que não se poz nenhuma parte do edificio em contacto com o prisma central.

O director do observatorio, mr. Encke, adquiriu reputação europea pela importancia de seus trabalhos na astronomia theorica e pratica.

As nações que se presam de caminhar na estrada do progresso não duvidam estabelecer subsidios para a conservação dos edificios d'esta ordem, não cessando ao mesmo tempo de votarem verbas para a construcção de novos monumentos do mesmo genero nos logares mais apropriados. A Inglaterra, por exemplo, construiu observatorios permanentes nos confins do mundo — no Cabo da Boa Esperança, na India, na Nova Hollanda, etc., e para ali enviou astronomicos. Em Alemanha ha poucos estados, por pequenos que sejam, que não apresentem um estabelecimento d'este genero. A Russia em 1839 pareceu querer pôr-se, a este respeito, á frente da civilização europea, e, não satisfeita do que já possuia em Dorpat, levantou proximo de S. Petersburgo um immenso edificio, que foi provido de tudo que a arte pode produzir de mais bello e perfeito para servir aos progressos da astronomia.

Reinado de D. Affonso VI.

(Fragmentos).

DESGRAÇA DO ESCRITÃO DA PURIDADE CONDE DE CASTELMELLOR.

Continuação.

Entretanto Castelmello parecia não temer: «tudo está perdido (disse elle ao rei) se o secretario d'estado não volta.» Chegou mesmo a ser de parecer que o chamassem sem consentimento da rainha. O Marquez de Gouvea, e Roy de Moura votaram com elle: só o Marquez de Sande permaneceu silencioso. Estavam todos ajoelhados á roda do rei: quando se levantaram perguntou o conde ao Marquez de Sande:

— E vossa excellencia não diz nada, senhor Marquez?

— Porque el-rei nada me perguntou, replicou o Marquez.

Ouvindo isto, mandou o rei que desse o seu parecer, o qual foi, que depois de terem levado o infante ao desespero, era querer perder tudo, fazer tambem desesperar a rainha, chamando contra sua vontade o secretario d'estado; accrescentando, em voz baixa para o Marquez de Gouvea, que o conde ficava irremediavelmente perdido se tal fizesse. Perguntando-lhe o conde o que dizia a meia voz, repetiu-o em voz alta.

— Mas que se deve fazer? exclamou Castelmello.

— Não sei, tornou o Marquez: o que sei bem é que não se deve readmittir o secretario d'estado contra a vontade da rainha.

Saint-Romain esperava a este tempo na sala de audiencia: a elle se encaminharam de novo para que convencesse a rainha. O enviado francez escusou-se. O mal vinha de longe: a firmeza da queixosa parecia inquebrantavel. A confiança entre ella e o conde rompera-se. A divisão e separação das pessoas reacausara as desordens presentes.

Só a sua união as podia remediar. A amizade e familiaridade entre o rei e a rainha, a intelligencia entre a rainha e o conde, eram coisas para que a rainha se mostrara sempre disposta, e até a receber Henrique Henriques. A primeira razão porque o remedio do mal se dificultava era a pressa do conde, que não consultava que as coisas se tratassem com pausa, dizendo que não era possível passar mais tempo sem o secretario d'estado.

Saint-Romain resistiu ás novas solicitações que Castelmelhor lhe fazia para que redobrasse as instancias junto á rainha, fallando-lhe até da parte do rei de França. Porque na cama ninguém podia fallar-lhe sem o confessor, queria mesmo que se chamasse a dama Valeria para servir de intermediaria. Saint-Romain, que tinha pouca vontade de continuar n'aquella missão, não julgou a dama propria para isso, e lembrou o confessor, lembrança que o conde não acolheu bem, dizendo que elle n'este caso andava enganado pelo seu hospede o padre reitor do noviçado.

Que novas razões dava o conde para persuadir a rainha? Que estava costumado com o secretario d'estado; que o secretario conhecia o rei; e que depois do que se passara seria generoso com a rainha, não só por ter consentido no regresso de Antonio de Sousa, mas pelo pedir.

A' noite, estando o rei na cama, mandou chamar o confessor ao noviçado. Depois de lhe fazer muitos cumprimentos, encarregou-o das mesmas solicitações á rainha. Eram mais de dez horas quando o confessor levou ao rei a resposta de que não pudera persuadi-la. Queriam que fosse ainda fazer nova insistencia, mas o padre entendeu que não convinha apertar tanto com ella, convidando mais que se lhe concedesse a noite para pensar. Pediu-lhe o rei que na manhã seguinte voltasse. Voltou, mas a resposta que obteve foi a mesma da vespera. Queria Alfonso vi que repetisse a instancia, mas o padre, para acabar com isto, disse a Francisco de Sousa que servia de interprete e o acompanhava ate fora da camera do rei, que não tornaria, porque a rainha estava firme em não dar o consentimento que lhe pediam.

Até ao padre Verjus fallaram Castelmelhor, e Henrique Henriques, a ver se por meio d'elle obtinham da rainha aquelle consentimento que seria declaração tacita em favor do conde, e contra o infante!

Em resposta á segunda carta do infante tinha-lhe o rei mandado um recado, concebido n'estes termos:

«O que tenho resolutio é o seguinte:
 «Que o Marquez de Marialva, Marquez de Sande, e Ruy de Moura Telles vão a casa do infante, e lhe digam da minha parte, que havendo eu visto a carta que me escreveu sobre dois pontos, o primeiro em razão da má vontade com que o conde de Castelmelhor intentava matar o dito infante; sou servido que elle me diga a pessoa que lhe disse isto, para que eu mande logo examinar e castigar o conde de Castelmelhor, com a mais aspera demonstração que a justiça permittir, havendo prova; e não a havendo, fazer eu justiça sobre se alevantar testimonho de tantas consequencias, restituindo ao dito conde sua honra, e castigando a quem tiver culpa. Que no segundo ponto, tocante a fazer o conde armar gente no paço, eu o mandei fazer por ter aviso de dois religiosos, que nesta cidade havia succeder um motim, e que pelo que eu mando não pode ninguém ser castigado em o executar; e farão entender ao infante o que convem ao reino, a elle e a mim, e á boa amizade que convem haja entre nós e conservação dos vassallos.»

A este recado respondeu o infante n'outro, concebido n'estes termos:

«Os conselheiros d'estado Marquez de Marialva, Marquez de Sande, e Ruy de Moura Telles darão em resposta a ellei meu senhor, que prostrado a seus reaes pes, e animado da inteireza com que s. m. que Deus guarde costuma conservar os termos da justiça e evitar aquelles inconvenientes que a alteram, sempre me pareceu replicar á resolução que s. m. foi servido mandar-me communicar, pelos conselheiros nomeados, que para se provar e entrar em averiguação o caso do conde de Castelmelhor, é precisamente necessario que, deposto

do logar e grande poder com que o exercito, saia da corte aquellas leguas que fór conveniente, para que os animos dos homens fiquem com aquella liberdade necessaria para entrarem em um tão grande negocio.

«E que, em quanto á segunda parte, do movimento das armas, me dei ja por mui largamente satisfeito n'aquella segurança em que s. m. o poz, de que fóra feito á sua ordem.»

Continúa. JOSÉ DE TORRES.

Palacio dos duques de Ferrara.

Ferrara, grande cidade de Italia, e que faz parte dos estados da egreja, annuncia-se de longe com certo esplendor; mas promette mais do que na verdade tem. As suas ruas são largas e direitas, particularmente a de S. Benedicto, que tem de comprimento mil toezas. Esta parte da cidade foi edificada por Hercules d'Este, segundo duque de Ferrara, que teve por mulher uma filha de Luiz XII: a praça Nova, assim chamada apesar da sua antiguidade, e regular e adornada de bons edificios: o palacio ducal é um d'elles; e, ainda que a sua architectura, no estylo gothico, seja grave, tem alguma coisa de imponente; mas tudo ali é sombrio e solitario.

A estampa que damos poupa-nos mais minuciosa descripção.

Hamburgo.

Hamburgo está situada a tres leguas do mar, nas margens do Elbo e de dois pequenos rios afluentes — o Alster e o Bille. É a praça commercial mais importante do norte da Europa. É a maior cidade d'Alemanha depois de Vienna e Berlin.

Carlos Magno tinha-a fundado para servir de baluarte á christandade contra as aggressões da Europa septentrional; mas estava destinada pela sua situação a adquirir mais prosperidade na paz do que gloria na guerra. Quando a dynastia d'este grande imperador foi extincta, Hamburgo teve de lutar successivamente contra os duques de Saxe e os condes de Holstein. Conseguiu subtrahir-se ás pretensões feudaes, e foi um dos principaes apoios da grande confederação da idade media, conhecida pelo nome de liga anseatica. Depois, não tendo esta liga nem fins nem influencia, Hamburgo conservou os seus direitos de cidade livre. No tempo do imperio francez, foi incorporada á França, e, em 1810, tomou o titulo de capital do departamento da Foz do Elbo. Os tratados de 1815 tiraram-na á França, e restituiram-lhe seus antigos privilegios. A sua constituição actual é uma especie de republica. É estado integrante da confederação germanica, e tem um voto na dieta federal.

A população de Hamburgo excede a cento e vinte mil almas; a maioria dos cidadãos professa o lutheranismo: os calvinistas são excluidos do governo. Contam-se alem d'isso entre os habitantes muitos milhares de judeus, e perto de mil e quinhentos inglezes. A praça do commercio, nas horas uteis, apresenta espectáculo verdadeiramente extraordinario. Estão ali misturadas as linguagens, e os trajas mais diferentes, e vêem-se reunidos, em actividade e agitação prodigiosas, commerciantes de todas as nações e de todas as partes do mundo. Qualquer estrangeiro, pagando um imposto de duzentos e cincoenta francos, goza de todos os direitos commerciaes dos hamburguezes.

A constituição politica de Hamburgo é democratica. O senado compõe-se de quatro burgmestres, vinte e quatro senadores, quatro syndicos e quatro secretarios. A esta assembléa, que propõe as leis, votadas, assim como os impostos, pelos cidadãos, pertence o poder executivo.

Dois vezes por semana reúnem-se dois tribunaes para julgar as difficuldades que sobrevem nas transações commerciaes: um é de primeira instancia, o outro d'appellação. O presidente, o vice-presidente e o escrivão são escolhidos d'entre os juriconsultos; os juizes são-nos d'entre os negociantes. Quasi sempre as partes é que advogam a sua causa.

As fallencias são evitadas, a maior parte das-

vezes, por arranjos amigaveis. A lei distingue tres especies de quebras: as que, causadas por força maior, não puderam ser frustradas; as que provem d'incuria e imprevidencia; e as que são effeito da falta de probidade; em uma palavra, a classificação comprehende as banca-rotas desgraçadas, as de negligencia, e as fraudulentas.

O commercio absorve todos os pensamentos dos hamburguezes: o seu gosto pelas artes é nullo. Não se nota em architectura senão a praça do commercio e a torre da cathedral. As barreiras formam um bello passeio que cerca a cidade e limita a oeste o rio Alster.

O commercio de Hamburgo comprehende todas as produções alemãs. Os tecidos são o principal objecto d'exportação; depois seguem-se os coiros, o linho, cobre, ferro, zinco, lã, panno, quincalharias, vinho do Rheno etc. As principaes importações são, primeiro o assucar e o café, depois o algodão, os estofos pintados, o tabaco, o anil, o arroz, os licores, o chá, a pimenta etc. A importancia do commercio de Hamburgo em um só artigo mostrará quanto o movimento dos negocios é ali consideravel. Em um anno, não muito remoto, a importação do café em Hamburgo montou a vinte e oito mil toneladas. No mesmo anno esta cidade recebeu mais da sexta parte de todo o assucar importado na Europa.

Hamburgo possui de cento e vinte a cento e cincoenta navios. Ha alguns annos em que no seu porto entram tres mil navios estrangeiros.

O porto de Hamburgo é excellente. Um braço do Elbo entra na cidade e ali se divide em grande numero de canaes, que se juntam ao Alster na parte meridional da cidade, onde formam uma ampla enseada. O Elbo tem a sua origem nos confins da Bohemia e da Silesia: d'este ponto até á sua foz, proxima de Hamburgo, é engrossado por dezesseis rios e setenta correntes menos consideraveis. É mais largo que o Tamisa, e as suas margens são em geral encantadoras.

Fragmento.

Conclusão.

A musica despedia as ultimas notas, e os pares arfando-lhes o peito de agitação febril, pararam ao morrer dos ultimos sons. Ia para conduzir o meu par á sua cadeira.

— Passeemos antes, balbuciei ella, encostando-se-me ao braço.

Passámos ás outras salas, e ao chegar em frente de um vaso de flores, parou contemplando-as, e disse-me:

— Vejo aqui muitas e lindas flores, e não encontro a do meu nome.

— V. ex.ª tem o nome de uma flor? perguntei eu cheio de curiosidade.

— De uma flor muito triste, respondeu a dama suspirando; é emblema que serve ás recordações da alma... Escolhi-a, porque é a flor da minha sympathia.

— Diz v. ex.ª que a escolheu?

— Escolhi, eu lh'o conto. Nesta sociedade onde nos achamos hoje, está reunida uma associação de singular character, cujos fins lhe vou explicar.

— Uma associação?

— De senhoras.

— Exclusivamente?

— Exclusivamente... não! ha algumas excepções, mas são raras.

— Poderei ser admittido?

— Com muita difficuldade... ouça-me e verá

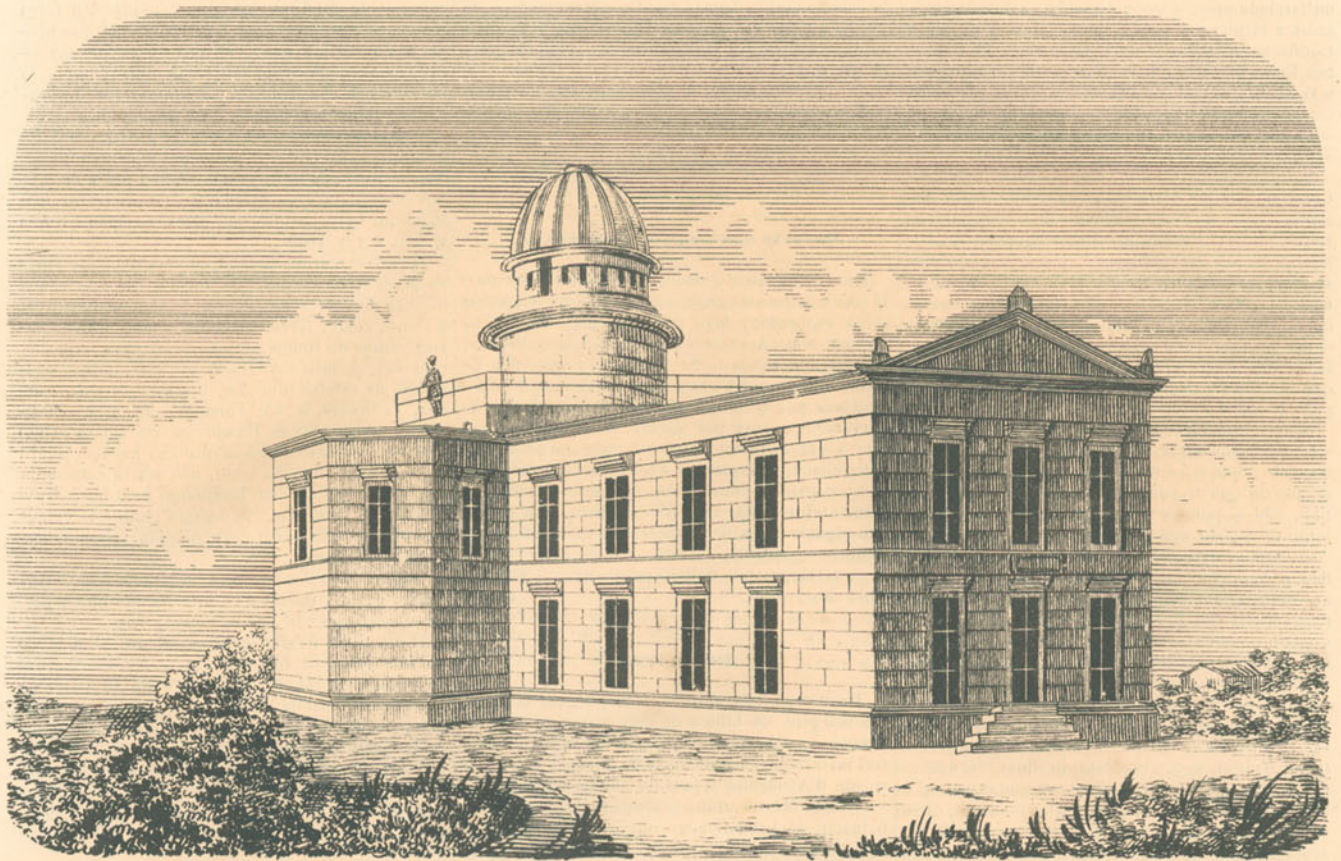
A nossa associação é em honra do hymeneu: cada uma de nós tem na sociedade o nome de uma flor da sua escolha. A que primeiro casa, tem por obrigação solemne de oferecer um mimo de suas mãos, a cada uma das outras flores.

— Mesmo ás do genero masculino?

— Mesmo a essas... mas são raras! Não temos senão o cravo, o malmequer e o jasmim.

— Só tres! peço a v. ex.ª que proponha a admissão de mais algumas.

— Não o conseguiria facilmente. A rosa que preside á assembléa, a violeta e a açucena, são as uni-



Novo observatorio de Berlin.



Hamburgo.



Palacio dos duques de Ferrara.

JOÃO DE CASTRO — Visto que o excesso tocou a afrenta, como Julio de Menezes se hospeda em minha casa, para dar uma ampla satisfação ao meu amigo, amanhã... (olhando com mysterio para Margarida) hade reparar este vexame cavalheiresamente, ou terá de bater-se comigo.

SEBASTIÃO — E' bem feito.

JOÃO DE CASTRO (dando o braço a sua mulher) — Vamos, regressemos a casa, não devo, não posso demorar-me aqui mais.

MARGARIDA (tomando o braço de João de Castro, á parte, e com o lenço nos olhos) — Valei-me, Deus do ceo!

(Saem ligeiramente pelo fundo, seguindo-os os personagens conhecidos no enredo da peça. Simão com ternura occupa-se em restabelecer os sentidos a D. Christina, cercada dos convidados).

Fim do 2.º acto.

Continua.

Se vingassem ainda hoje as leis de Licurgo, os grandes jogadores deviam ser premiados, attenta a grande destreza, com que exercem a sua profissão.

O jogo é o meio de fazer facil transição da opulencia para a miseria; da consideração para o despreso; da honra para o crime.

Sonetos.

POR OCCASÃO DA DEMOLIÇÃO DOS CASEBRES DO LORETO.

Por ti sinto, Loreto, agudas febres,
Aos teus prantos de dôr meus prantos uno;
Que a mão que poz por terra o teu Neptuno,
Faz desabar tambem os teus casebres!

Oh! maldito progresso, não celebres
Assim os teus triumphos! Qual gatuno
Roubas o fossilismo, sem tribuno,
E um só brasão não ha que lhe não quebres!...

Que mal faziam essas pobres casas,
Onde habitava antiga ratazana?
Onde o mocho encolhia as negras azas!

Mania do progresso, tão tyranna,
Se os becos, que inda restam, nos arrazas
Com Lisboa infeliz dás em pantana!

A UM QUE SE ENVENENOU POR DESDENS DA SUA BELLA.

Sentindo nas entranhas o veneno,
Que inda ha pouco bebeu, desfeito em caldo,
Morre em ancias cruéis este Geraldo
Sem pavor, nem juizo o mais pequeno.

Despresado por um anjo moreno,
Dizia-lhe: «por ti d'amor me escaldo!»
Mas, vendo-se por fim d'esp'ranças baldo,
Busca do cemiterio o sitio ameno:

Dá cabo este janota do canastro
Para fazer pirraça, e desconsolo
A quem não tinha um rosto d'alabastro!

Precisa um epitaphio — e vou compô-lo:
«Aqui jaz quem d'amor ficou sem astro!»
«Quiz morrer como heroe... morreu de tolo.»

J. I. D'ARAUJO.

Ao soldado.

Arda de raiva e furor
Sem nunca saber porque.

TOLENTINO. — Satyr. — a guerra.

Alerta, soldado! Alerta!
Corre a patria a defender;
Do sangue faze-lhe offerta,
Que ella é tua amiga certa,
Dá-te feijões a comer.

Põe a mochila de lona,
O teu bernal, e cantil,
As corréas, e a patrona;
Como a gente valentona
Empunha o duro fuzil;

E esta nação defendendo,
Augmenta os loiros, que tens;
Duras filas vae rompendo,
Mostra-te heroe combatendo,
Morre por quatro vintens!

Salta á brecha, sem receio,
Faze acções d'alto valor;
E, de mil balas no meio,
Nunca tremas — porque é feio —
Nem mudes do rosto a côr.

Folga ao zunir da metralha,
Folga ao troar do canhão,
Que talvez que esta batalha
Te renda alguma medalha
Com fitinha d'algodão.

Não temas perder um braço
Pela patria, tua mãe;
Sempre firme avança o passo,
Nada te cause embaraço
Porque a patria paga bem.

Dirás que tens a barriga
Muito leve p'ra tal fim:
Não te dê isso fadiga,
Que p'ra ser leve na hriga
E' preciso andar assim.

E não perguntes, soldado.
O que tu defender vaes
Com teu valor extremado;
Diz-se o paiz ultrajado,
E não queiras saber mais.

Leva e dá, e mata e morre
A' voz do teu coronel;
O soldado não discorre,
E' boneco, que anda e corre,
Manobrando por cordel.

Ávante! que se a victoria,
Por acaso, se alcançar,
Serás coberto de gloria,
E viverás na memoria
De quem de ti se lembrar!

Se na lucta pereceres,
Por nunca ás balas fugir,
E's heroe!... e que mais queres,
Se teus filhos, se os tiveres,
Tua morte hãode sentir?

Ávante, pois, ó guerreiro,
Carreira a mais nobre tens:
Matas, morres prazenteiro,

Carréas, andas ligeiro...
Tudo por quatro vintens!

Abril, 7—1859.

J. I. D'ARAUJO.

Saudade.

À EX.^{ma} SENHORA D. A. L.

Ouves a brisa que geme
Sempre triste a suspirar?
O mormurio solitario
Do ribeiro a susurrar?
Ouves as queixas sentidas,
Que soltam aves erguidas
Nos ramos do salgueiral?
Do mocho o piar profundo,
Acordando gemebundo
Os eccos tristes do valle?

São os eccos das endeixas,
Que solto triste por ti;
São meus lamentos saudosos,
Que todos chegam ahi;
Quando de noite acordado,
Velo triste e consternado,
Palpitante o coração;
E, no azul do firmamento,
Parece a lua um lamento
Acordando a solidão!

E' então que tua imagem
Eu julgo ver ante mim;
Resplandente de candura,
Qual celeste cherubim!
Se corro ligeiro a lançar-me
Nos teus braços, se prostrar-me
A teus pés humilde vou;
Volto então á realidade,
Que a anciana f'licidade
Foi sonho vão que passou!

De mim longe, talvez breve
Te esqueças do meu amor;
Talvez minha alma repasses
De venenoso amargor;
Talvez em breve, mentida,
As illusões d'esta vida
Me faças cair no pó;
Talvez, talvez com enfado,
Trahindo o amor jurado,
Me deixes no mundo só!

Mas não; és anjo c'roado
De celeste resplendor;
Para guiar-me na terra
Enviou-te o Creador!
Tu és a vida d'esta alma,
Do meu amor és a palma,
E's o premio divinal;
Não podes com fingimento
Esmagar-me o sentimento,
Ser origem do meu mal.

Não podes! Choras afflicta
Esta distancia fatal;
Anciosa esperas o dia,
Da ausencia a hora final!
E como eu tambem maldizes
Estes dias infelizes
Da nossa separação!...
Escuta a voz da saudade,
Que n'esta hora d'anciedade
Te envia o meu coração!

Lisboa, Outubro de 1859.

HIPOLITO PEREIRA GARCEZ.